

**CORPOS E CULTURAS PERIFÉRICAS: SUJEITOS DA HISTÓRIA DO FUTEBOL FEMININO NA BAHIA**

**HOANY SANTOS GALVÃO**  
**LUCINALDO RIBEIRO DOS SANTOS**  
**ANÁLIA DE JESUS MOREIRA**

1

**PALAVRAS-CHAVE:** futebol feminino; corpo; cultura.

**INTRODUÇÃO/OBJETIVOS**

Neste trabalho objetivamos valorizar a importância mulheres baianas no processo de reconhecimento do futebol feminino. Através de uma análise sobre a história do esporte feminino, da fisiologia do corpo feminino e das qualidades exigidas para a prática do futebol, ousamos afirmar que o futebol é feminino e que o “jogo” no Brasil é masculino.

É fato dizer que no Brasil o futebol conserva-se androcêntrico. Partimos da constatação de que apesar da boa performance em competições internacionais, entre elas a conquista de medalhas de ouro pela seleção feminina nos jogos Pan-americanos de Santo Domingo (2003) e do Rio de Janeiro (2007) e a conquista de medalha de prata nos jogos Olímpicos de Pequim, (2008) o incentivo esportivo dirigido à categoria de mulheres continua subalternizado culturalmente e economicamente.

**METODOLOGIA/DESENVOLVIMENTO**

Para construir este recorte histórico sobre o futebol feminino na Bahia, recorreremos a documentos com registro das competições e fotografias, estudo imagético, que marcam as décadas citadas como fundamentais para a ascensão do futebol feminino no Brasil. O objetivo é mostrar que os corpos e a cultura periférica influenciaram no surgimento do futebol feminino na Bahia. Quando falamos em corpos e culturas periféricas nos referimos às apropriações do espaço popular e as condições socioeconômicas e espaciais das cidades.

O primeiro campeonato de Futebol Feminino foi realizado no ano de 1984 tendo a equipe do Clube Baiano de Tênis como campeã e o Clube Flamengo de Feira de Santana como vice. Jogava no Baiano de Tênis aquela que consideramos o marco ou a inspiração para

a geração subsequente do futebol feminino. Maria Helena Nova, ostentava fama e arrebatava elogios pela alta técnica.

O número de mulheres brasileiras que hoje praticam o futebol em clubes e área de lazer aumentou na década anterior. Porém, os campeonatos regionais são poucos, não há evento de porte nacional, número considerável de mulheres nas comissões técnicas dos clubes de futebol feminino, nem nas entidades que regem este esporte. Além disso, vários preconceitos e estereótipos ainda cercam a prática da modalidade, tais como a associação de sua imagem à homossexualidade ou os perigos de choque nos órgãos de função reprodutiva. (GOELLNER, 2005).

Em 1986, o Flamengo ganhou seu primeiro campeonato. No ano seguinte, o campeonato passou a ser organizado pela TV Itapoã que transmitia alguns jogos aos domingos para todo o estado, com grande audiência. Abertura do campeonato levou 65 mil pessoas ao estádio da Fonte Nova. 48 times de vários municípios foram inscritos, obrigando a organização do evento a realizar zonas eliminatórias. O futebol feminino assumia seu perfil: era praticado por mulheres trabalhadoras, de maioria negra, moradoras da periferia. No mesmo ano, os clubes foram cedendo seu espaço e assim, as jogadoras puderam pisar em gramados antes só desfrutados pelos homens: os campos do Galícia, do Ypiranga, da Associação Atlética e o Fazendão, do Esporte Clube Bahia e a Fonte Nova.

## RESULTADOS

Terminamos a pesquisa e seu recorte temporal traçando um resultado cronológico dos fatos que contribuíram para a ascensão do futebol feminino no Brasil a partir da participação de mulheres baianas, majoritariamente de periferia. Construimos um pequeno acervo fotográfico que mostra as principais atletas e suas conquistas, desde os jogos nas periferias e clubes da Bahia até os gramados internacionais. Acreditamos que este trabalho pode contribuir para maior visibilidade da história do futebol feminino no Brasil e a importância da Bahia no contexto de valorização do esporte. Pretendemos também mostrar que temos fontes de pesquisas que precisam ser aprofundadas em trabalhos futuros e mais abrangentes.

## CONCLUSÃO

Anais do V Seminário Nacional de Corpo e Cultura do CBCE.  
Corpo e Cultura: Desafios da Produção do Conhecimento no Tempo Presente.  
30/08 a 01/09 de 2018 – Faculdade de Educação Física da UFBA – Salvador – BA – Brasil.

**V Seminário Nacional Corpo e Cultura do CBCE**  
**I Seminário Internacional Corpo e Cultura do CBCE**  
**IV Seminário Nacional do HCEL**  
**I Seminário Internacional do HCEL**

Concluímos que as mulheres baianas contribuíram muito para a mobilização cultural e social do futebol em todo o país, embora as mazelas sejam visíveis a exemplo da baixa valorização salarial e apoio midiático. A origem do futebol feminino na Bahia difere do modelo masculino clubista. Os times citados no recorte da pesquisa e as fotografias mostram corpos construídos pelas culturas das periferias marginalizadas e invisibilizadas. Percebemos uma mudança no atual contexto do futebol feminino no Brasil com a retomada da tradição clubista, entendemos, porém, que a mobilidade do esporte ainda se centra nas periferias de onde saem, via “peneiras” as jogadoras selecionadas pelos clubes.

3

**REFERÊNCIAS:**

GOELLNER, Silvana. Vilodre. Mulher e esporte no Brasil: entre incentivos e interdições na História. **Revista pensar a prática**, vol.8. Porto Alegre, 2005;

FAGUNDES, Teresa. Cristina Pereira. Carvalho, **Sexualidade e gênero – uma abordagem conceitual. Ensaios sobre educação, sexualidade e gênero**, Ed. Helvécia, Salvador-Ba, 2005.